

Hamilton Carraro Junior e Priscila Almeida Cunha Arantes*

Você está sendo observado! Design de vigilância na obra de Vitória Cribb

Resumo

Este artigo apresenta uma análise do design de vigilância através de um olhar sobre uma produção artística digital. Destaca essa abordagem crítica, do contexto da cultura de vigilância presente na sociedade contemporânea, como um produto dos avanços tecnológicos, cujos sistemas incorporam ao cotidiano maior dependência da mediação digital. A pesquisa qualitativa combina fundamentação teórica - levantamento bibliográfico - com estudo de caso de produção artística audiovisual: avatares, imagens, vídeos e narrativas. Adota como referência a obra da artista e designer Vitória Cribb, traçando paralelos entre suas propostas e os conceitos de vigilância. Problematisa cânones e paradigmas tecnológicos através de uma produção imagética de estética singular que critica estereótipos de beleza, utilizando personagens que habitam espaços distópicos e evocam sensações de desconforto, observação e vigilância. Além disso, discute os processos de controle, censura e falta de inclusão das plataformas digitais. O artigo destaca novos paradigmas e formas de relações interpessoais mediadas pelas plataformas digitais, que resultam em retóricas visuais e formatos de expressão originais no âmbito das artes e do design.

Palavras-chave Design de vigilância, Cultura de vigilância, Arte digital, Vitória Cribb

You are being observed! Surveillance design in the work of Vitória Cribb

Abstract This article presents an analysis of surveillance design through a look at a digital artistic production. It highlights this critical approach, in the context of the surveillance culture present in contemporary society, as a product of technological advances, whose systems incorporate greater dependence on digital mediation into everyday life. The qualitative research combines theoretical foundations carried out by bibliographic survey with a case study of artistic audiovisual production content:

* **Hamilton Carraro Junior** é pesquisador, Arquiteto e Urbanista, formado pela Fundação Armando Alvares Penteado - FAAP, mestre em educação profissional e tecnológica pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (SP) e doutorando do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Anhembi Morumbi. É docente nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade São Judas onde também atua como Coordenador de Grande Área 2 (Arquitetura e Design, Engenharias, TI e Computação).

<hcarrarojr@uol.com.br>

ORCID 0000-0002-2201-7052

Priscila Almeida Cunha Arantes é Pesquisadora, crítica e curadora no campo da arte e estética contemporânea. Formada em filosofia pela USP, com pós-doutorado pela UNICAMP e Penn State University (USA), é professora do Departamento de Artes da PUC/SP e também diretora adjunta da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. É professora do PPG Em Design da Universidade Anhembi Morumbi. Diretora e curadora do Paço das Artes, instituição da Secretaria de Estado da Cultura de SP de 2007 a 2020 desenvolvendo inúmeros projetos curatoriais, seminários nacionais e internacionais, eventos e publicações. É autora de *Arte @ Mídia: perspectivas da estética digital* (FAPESP/ SENAC), finalista do 48 Prêmio Jabuti, *Reescrituras da Arte Contemporânea: história, arquivo e mídia* (Ed. Sulina), *Urgências na Arte*, dentre outros. É vice-diretora da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Arte) e integra, como convidada, o grupo de pesquisadores do ID+, instituto de pesquisa da Universidade de Porto e Aveiro (Portugal).

<priscila.a.c.arantes@gmail.com >

ORCID : 0000-0002-0500-0849

avatars, images, videos and narratives. It adopts the work of artist and designer Vitória Cribb as a reference, drawing parallels between her proposals and the surveillance concepts. It problematizes canons and technological paradigms through an imagetic production of unique aesthetics that criticizes stereotypes that inhabit dystopian spaces and evoke feelings of discomfort, observation and surveillance. In addition, it discusses the processes of control, censorship and lack of inclusion of digital platforms. The article highlights new paradigms and forms of interpersonal relationships mediated by digital platforms, which result in visual rhetoric and original expression formats in the field of arts and design.

Keywords *Surveillance design, Surveillance Culture, Digital art, Vitória Cribb*

¡Estás siendo observado! Diseño de vigilancia en la obra de Vitória Cribb

Resumen *Este artículo presenta un análisis del diseño de vigilancia a través de una mirada a la producción artística digital. Destaca este enfoque crítico, en el contexto de la cultura de la vigilancia presente en la sociedad contemporánea, como producto de los avances tecnológicos, cuyos sistemas incorporan una mayor dependencia de la mediación digital en la vida cotidiana. La investigación cualitativa combina fundamentos teóricos -relevamiento bibliográfico- con un estudio de caso de producción artística audiovisual: avatares, imágenes, vídeos y narrativas. Adopta como referencia el trabajo de la artista y diseñadora Vitória Cribb, estableciendo paralelismos entre sus propuestas y los conceptos de vigilancia. Problematiza cánones y paradigmas tecnológicos a través de una producción imaginaria de estética singular que critica los estereotipos de belleza, utilizando personajes que habitan espacios distópicos y evocan sentimientos de malestar, observación y vigilancia. Además, analiza los procesos de control, censura y falta de inclusión de las plataformas digitales. El artículo destaca nuevos paradigmas y formas de relaciones interpersonales mediadas por plataformas digitales, que resultan en retóricas visuales y formatos de expresión originales dentro de las artes y el diseño.*

Palabras clave *Diseño de vigilancia, Cultura de la vigilancia, Arte digital, Vitória Cribb*

Introdução

Você está sendo observado!

Direta ou indiretamente, esta é a condição em que nos encontramos, a partir da naturalização das estratégias de vigilância a que estamos sujeitos, especialmente com o crescimento exponencial do acesso à internet e com os avanços das tecnologias de informação e comunicação, cuja velocidade e capacidade de processamento de dados, das mais diversas categorias, é imensurável. Sua atuação gera uma cultura da vigilância a tal ponto incorporada no nosso cotidiano que “não nos intimida usar vocabulário tão policialesco como ‘seguir’ e ‘ser seguido nas redes sociais’” (BEIGUELMAN, 2021, p. 62). Este aspecto da linguagem é um entre tantos produtos das condições contemporâneas da modernidade tardia ou da modernidade digital, onde a cultura da vigilância se configura como um reflexo do modo

de operações corporativas e estatais, mediado por sistemas tecnológicos cada vez mais rápidos e poderosos que foram incorporados à vida cotidiana por meio de infraestruturas digitais e da nossa crescente dependência da mediação digital nas relações humanas (BRUNO et al., 2019)

Esta realidade digital tem redefinido tudo o que nos é familiar, antes mesmo de termos a chance de ponderar sobre essa situação. Nós celebramos o mundo conectado por conta das múltiplas maneiras pelas quais ele enriquece nossas capacidades e perspectivas, no mesmo passo em que incrementa grandes territórios de ansiedade, perigo e violência, em um futuro cuja possibilidade de previsão é intangível (ZUBOFF, 2021).

Trata-se de um novo momento do capitalismo, discutido por Shoshana Zuboff, em seu livro *A era do capitalismo de vigilância*, que produz efeitos na produção do design e das artes, a partir do que denominamos criticamente design de vigilância, haja vista que os avanços tecnológicos que vêm ampliando a inteligência das máquinas têm apontado para uma produção imagética e uma estética singular, com o uso de novos formatos que representam um novo capítulo da história do audiovisual, na comunicação e na produção de linguagens (BEIGUELMAN, 2021).

O capitalismo de vigilância opera a partir de uma dinâmica que considera a aquisição de fontes preditivas dos nossos comportamentos: nossa imagem e voz, personalidade e emoções, para promover incentivos à persuasão, à sintonia e conseqüentemente para arrebanhar comportamentos em busca de resultados lucrativos. A pressão resultante da competição entre as grandes corporações provoca mudanças, nas quais se destaca o processamento automatizado das máquinas, que não só conhecem, como moldam nosso comportamento em escala. Tal reorientação transforma conhecimento em poder, de modo que, nesta fase do capitalismo de vigilância, os meios de produção estão subordinados aos recursos para modificação de comportamentos cada vez mais complexos e abrangentes. O capitalismo de vigilância gera uma nova forma de poder denominado “instrumentarismo”, que conhece e molda o comportamento humano em prol do interesse de terceiros (ZUBBOF, 2021)

Em sua fase atual, o capitalismo de vigilância não está limitado às grandes empresas de internet, em que os processos de predição comportamental eram visados para a publicidade on-line. Hoje, seus imperativos econômicos, seus mecanismos e processos se tornaram o padrão para a maioria dos negócios que têm a internet como base. Os produtos e serviços do capitalismo de vigilância funcionam como chamariz que seduzem usuários para suas operações extrativas de dados, nas quais nossas experiências são exploradas como meios para fins de outros, sem que tenhamos possibilidade de escaparmos desse ciclo exploratório. Nossa dependência da internet é tamanha que só passamos a perceber nossas vidas como eficazes quando não resistimos ao incurso no universo digital, que age por meio de assimetrias de poder nunca experimentadas, em que o sistema sabe tudo sobre nós, ao passo que suas operações são programadas para serem desconhecidas de nós. O capitalismo de vigilância “é uma força nefasta comandada por novos imperativos econômicos que desconsideram

norma sociais e anulam direitos básicos associados à autonomia individual e os quais são essenciais para a própria possibilidade de uma sociedade democrática” (ZUBOFF, 2021, p. 23)

Neste contexto, o design de vigilância se destaca como uma abordagem crítica do contexto da cultura de vigilância presente na sociedade contemporânea, como produto dos avanços tecnológicos cujos sistemas incorporam maior dependência da mediação digital à vida cotidiana e abarca soluções em diversas especialidades do design. No design de produtos, incorporam dispositivo de vigilância como câmeras, microfones, sensores de movimento, de scaneamento espacial em 3D indo até a coleta de sinais vitais, que já estão nativamente incorporados em dispositivos como smartphones, smartwatches e assistentes digitais. No âmbito da arquitetura, do urbanismo e das engenharias, diversos sistemas são incorporados aos edifícios, nas ruas e equipamentos públicos, onde sistemas conectados a rede viabilizam, acessos com o uso de dados biométricos, identificação de pessoas por padrões de imagem para os mais diversos e controversos fins – muitas vezes com viés ideológico e racista, chegando até a sistemas automatizados de assistência a navegação, embarcados em veículos. Quando nos direcionamos para o ramo das artes, uma leitura dessa abordagem crítica do design pode ser exemplificada a partir de um olhar sobre a obra de arte digital, como ocorre com a produção da artista e designer Vitória Cribb, que problematiza estas questões.

Esta pesquisa, cuja abordagem é qualitativa, combina uma fundamentação teórica realizada por meio de levantamento bibliográfico com um estudo de caso de produção artística digital. Inicialmente, serão tratados alguns conceitos necessários para a compreensão do que chamamos criticamente de design de vigilância e seus possíveis reflexos no âmbito do design, particularmente no domínio das artes. Em seguida, apresentaremos uma leitura crítica aos processos de vigilância, a partir de um estudo de caso de uma produção artística digital, tendo como referência a abordagem estética da artista e designer Vitória Cribb. Sua produção, materializada a partir de sua experiência pessoal e de narrativas do seu subconsciente, critica conceitos de vigilância com a utilização de conteúdos audiovisuais: avatares, imagens, vídeos, textos e narrativas produzidos com mediação tecnológica.

Design de vigilância: Modulação e controle do comportamento humano a partir de recursos tecnológicos

Denominamos design de vigilância a capacidade de designers, entre estes os artistas, de atuar como produtores, mediadores e principalmente críticos dos processos de instrumentalização do poder, a partir da exploração de dados, recursos e dispositivos tecnológicos, operando sobretudo no que Shoshana Zuboff (2021) denomina como “superávit comportamental”. Tal atuação nutre progressos nos mais diversos setores, a partir de processos

de predição que identificam, alimentam e determinam o que os indivíduos farão, agora ou em futuro breve.

Trata-se do que Zuboff (2021) denomina mercado de “comportamentos futuros”, haja vista que, segundo a autora, o processo de vigilância é uma nova nuance do capitalismo, que “reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais” (p. 18). Os capitalistas de vigilância, com uma expressiva participação do design de vigilância, contribuem para o processo de acúmulo de riqueza, particularmente pelas grandes companhias de tecnologia, ávidas pelo exercício de operações comerciais por meio das quais apostam e lucram com nossos comportamentos futuros.

Para a Zuboff (2021, p. 32), “o poder instrumentário conhece e molda o comportamento humano em prol de finalidades de terceiros”. Trata-se de uma nova espécie de poder que, ao invés da força bélica, faz valer suas vontades a partir de recursos tecnológicos, viabilizados por complexas arquiteturas computacionais, compostas por dispositivos que adquirem atributos de inteligência, viabilizada principalmente pela coleta, processamento e transformação de dados oriundos das conexões em rede.

Na atualidade, dados são colecionados e armazenados por diversas plataformas e meios digitais, com ou sem consentimento dos seus utilizadores, gerando enormes bancos de dados (*Big Data*), carregados de novas nuances de controle, de interação e de processos comerciais e artísticos, amplamente influenciados pela inteligência das máquinas.

Cabe ressaltar que o termo inteligência, admitido em relação às máquinas, não tem nenhuma ligação com a sua aceção na biologia, já que a capacidade cerebral de mudar, adaptar-se e se reorganizar em nível estrutural e funcional, a chamada neuroplasticidade, é tamanha e em tal nível complexa que é difícil de ser reproduzida em uma máquina (KAUFMAN, 2022). Não se trata de admitir a possibilidade de qualquer tipo de consciência da máquina com relação à tomada de decisão.

A inteligência da máquina trata tão somente da capacidade de processamento de um determinado dispositivo projetado para realizar certo número de tarefas automatizáveis – que podem parecer infinitas –, a partir de modelos estatísticos baseados em dados. Os algoritmos, responsáveis pelo processo de aprendizado das máquinas, são bons em identificar padrões estatísticos, mas não têm como saber o que estes padrões significam, já que estão confiados ao mundo da matemática (KAUFMAN, 2022). Sua atuação se dá a partir do acesso a gigantescas bases de dados, que permitem que algoritmos – operações matemáticas – atuem como curadores de informações personalizadas, viabilizados por comandos (*prompts*) gerados por operadores, em ações fortemente caracterizadas por adjetivações e que podem resultar em processos generativos de textos, imagens, códigos e equações que, apesar de surpreendentes, nada têm de inovador, haja vista que são resultado da (re)combinação de dados previamente disponibilizados e oportunamente consultados.

As bases de dados permitem a reunião das mais diversas fontes de informações e viabilizam processos de classificação que ordenam os assuntos

e impõem uma certa tirania da categorização, dado que parâmetros de exclusão são premissas desse processo. O colecionismo de dados e a lógica de rastreamento e de seleção desse material digital fomentam uma nova forma de colonialismo - o colonialismo de dados, além de propiciar um novo campo de racismo, o racismo algorítmico.

Cunhado por Nicky Couldry e Ulises A. Mejias (2019), o termo colonialismo de dados se refere a um novo tipo de dependência surgida nesse capitalismo digital. Apresentado inicialmente em seu texto *Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject*, o uso deste termo é admitido não somente como uma metáfora, mas como uma nova forma de colonialismo que se difere das experiências dos séculos anteriores, por combinar as mesmas práticas predatórias do colonialismo histórico com a quantificação abstrata dos métodos computacionais. A partir de um novo tipo de apropriação de coisas, de pessoas e principalmente de dados que passam a fazer parte de infraestruturas de conexão informacional, nas quais “nada deve ser excluído nem apagado. Nenhum dado pode ser perdido” (COULDRY, N.; MEJIAS, U., 2019 p. 13). Isto tem como efeito mais marcante sobre os sujeitos colonizados o fato de que eles ficam atrelados a questionamentos amparados em seus próprios dados, sem saber quais de seus dados são coletados, como são usados, quais são as fontes de coleta ou por quais processos esses dados são extraídos (SILVEIRA et al., 2022).

Trata-se de um novo padrão de poder e dominação do capitalismo de vigilância, tratado por Aníbal Quijano (2005) como colonialidade do poder, que coloca a ideia da superioridade europeia como uma concepção natural imposta ao mundo. A exaltação da modernidade estaria atrelada à preservação da colonialidade, principalmente a partir da manutenção da noção de raça. Para Quijano, a lógica do poder colonial continua buscando expurgar e segregar o máximo possível de pessoas da categoria de humanos. Quem não é branco e europeu continua sendo classificado como exótico, inferior e descartável. Isso reforça preconceitos relacionados à cor da pele e ao gênero, ressaltando sobretudo a dominação burguesa-patriarcal.

Contrariando a expectativa de muitos que defendiam que os espaços virtuais derrubariam variáveis identitárias tais como raça, gênero, classe e nacionalidade, a realidade tem se mostrado como potencializadora do poder hegemônico. “O mito da ‘descorporificação’ e superação das identidades fortaleceu-se na interseção de uma série de motivações, desde o olhar utópico de quem via a internet como um possível éden até a cegueira racial que ignora disparidades estruturais” (SILVA, 2022). O racismo algorítmico é um desafio profundo, imbricado nas plataformas digitais, através de processo digitais “invisíveis”, automatizado pelas plataformas que alimentam práticas de discriminação digital e se dão nas camadas principais dos softwares (*back end*) a partir dos processos de classificação e adjetivação das interfaces de imagem, voz, vídeo, textos e representações gráficas (SILVA, idem).

Todos esses aspectos, tais como estratégias de vigilância, censura, modulação, controle, colecionismo de dados, exploração dos corpos, falta de representatividade e inclusão da diversidade e racismo algorítmico

e digital, são aspectos criticados pela obra de Cribb (2023), quando, por exemplo, concebe personagens cujo fenótipo é claramente de origem africana, população historicamente vitimada por processos racistas também presentes no ambiente tecnológico, sempre adornados por infinitos “órgãos” de controle, representados por massas e guirlandas de globos oculares, orelhas gigantes e olhos censuradores – elementos que serão melhor explorados a seguir.

Vitória Cribb: Os avatares de corpos femininos pretos e a subversão de cânones tecnológicos

Natural do Rio de Janeiro, Vitória Cribb é uma artista visual digital, com formação em desenho industrial pela Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ). Suas criações audiovisuais, fortemente marcadas pela modelagem em 3D de figuras humanas femininas, trazem como característica os traços marcantes do povo preto, na textura da pele e cabelos (raspados, trançados, ou com um majestoso volume), às quais agrega uma espécie de mutação digital que incorpora aos seres enormes orelhas e uma profusão de globos oculares, em múltiplos arranjos.



FIGURA 1: Parte de ‘://Are you observig or being observed?’ em CHAOS:-CALM Bangkok Art Biennale, 2022

Fonte: Reprodução do portfólio com autorização da artista

Seu trabalho faz críticas à hegemonia da estética branca do mundo tecnológico e digital além dos processos de vigilância, controle, censura e modulação das plataformas e redes sociais. Segundo Muniz (2020, p. 58), os “vídeos e textos da artista carioca replicam as experiências de flutuação e dispersão da Internet, comentando as ambiguidades da rede sobre nossa subjetividade”. O autor ressalta ainda que, embora sua produção seja muito recente (o que impossibilita algumas sínteses formais e conceituais), sua circulação internacional virtual é destacada, assim como sua contribuição para o que chamamos de design de vigilância.

Incômodo, distanciamento, silenciamento, obscurantismo, terror e tensão são algumas sensações percebidas ao observar a obra de Vitória Cribb. Sua produção é marcada pela modelagem digital de avatares e de imagens que resultam em instalações compostas por filmes, animações, textos e narrações, exibidos em looping, em painéis eletrônicos de diversos formatos, mediados por dispositivos eletrônicos para exibição das imagens. Tais composições não deixam passar despercebida, pela dinâmica do conjunto, a sensação de que estamos sendo vigiados, observados e ouvidos e que poderemos ser alcançados a qualquer tempo e em todas as direções. Os avatares, muitas vezes apresentados em poses pouco convencionais, estáticos ou com movimentos visivelmente calculados, são posicionados em espaços virtuais distópicos que conferem ainda mais ênfase à cumplicidade estabelecida entre o que está dentro e o que está fora da tela.

Sua crítica aos aspectos de vigilância ganha ênfase também na postura dos personagens e nas nuances do olhar. Alguns com olhos vidrados, outros com olhos de ressaca, algumas vezes flertando o observador, outras vezes buscando vigiar algo que vai além da relação dialógica criada, que não permite distinguir quem está observando e quem está sendo observado. As imagens, cuja estética incorpora detalhes e adereços apocalípticos, enfatizam aspectos de tensão, como uma espécie de representação arquetípica de uma alucinação – termo que também é utilizado pelos cientistas de dados para designar as falhas nas operações de processamento de grandes bases de dados, que ocorrem quando o sistema dá respostas não correspondentes àquilo que é solicitado. Tal “alucinação” pode ser causada por diferentes fatores, “como erros na programação do modelo, dados de treinamento incorretos ou incompletos, ou limitações nos algoritmos de aprendizagem usados” (Beiguelman, 2023, p. 78).

A representação do corpo é o aspecto da sua obra com maior destaque. Seus avatares apresentam uma estética singular e pulsante, viabilizada por uma materialidade virtual, com fortes marcas culturais do repertório pessoal da artista como mulher negra e latina. Outra preocupação da artista diz respeito ao “lugar” e a esta nova dimensão da espacialidade que o contexto virtual viabiliza, inclusive no processo de interação do expectador com as obras, particularmente nas propostas com ênfase na imersão, o que proporciona ao observador novas experiências sensoriais. Esta nova experiência de imersão ocorre, por exemplo, quando a proposta permite transpassar a obra de arte digital e até observá-la por ângulos fisicamente inviáveis se comparada com uma obra física, material.

Em entrevista concedida à revista *Diffractions* da Universidade Católica Portuguesa, Cribb (2022a) argumenta que seu trabalho busca subverter o cânone tecnológico, cuja ideia de perfeição está sempre voltada para os países desenvolvidos e majoritariamente masculina, questionando paradigmas a partir da inserção silenciosa de corpos negros femininos em um universo tecnológico que inclui, por exemplo, as empresas de softwares de modelagem em 3D, cujas referências seguem o padrão hegemônico de beleza de pele e feições brancas.

Ao questionar esse estereótipo, a artista critica a falta de inclusão e representação da diversidade dos povos usuários das plataformas e recursos digitais. Sua obra, compromissada com o questionamento dos padrões por analogias digitais, confronta tais padrões ao explorar e melhorar as técnicas de representação da cor e da textura da pele negra, admitindo na sua obra uma comparação da virtualidade dos corpos negros, muitas vezes vistos, explorados e descartados, como o que acontece com os arquivos digitais.

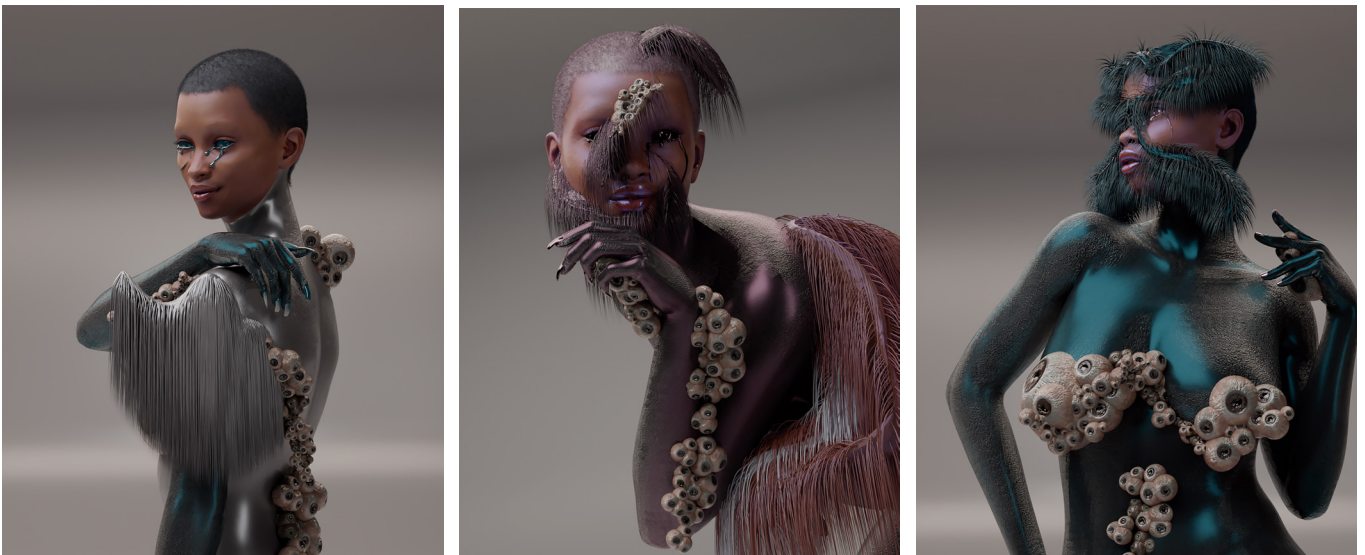


FIGURA 2: SENTINELA (01,02,03), 2021, Render 3D, CGI, 1024x1280 (variável)

Fonte: Reprodução do portfólio com autorização da artista

Ciente das novas experiências viabilizadas pelas obras digitais, Cribb (2022a) critica o processo de condensação, pasteurização e canibalização das grandes redes sociais, que determinam regras e condições, muitas vezes desconhecidas dos usuários, censurando conteúdos a partir de algoritmos que decidem o que funciona e o que não funciona na rede. Ainda que não produzam conteúdo (papel cumprido pelos usuários), as plataformas atuam como gestores dos processos de controle e modulação. Isto acontece quando estabelece as opções de acesso e de caminhos de interação com os conteúdos publicados, controlando a visualização desses conteúdos, sejam

imagens, sons ou discursos, a partir do uso de algoritmos. Apesar de não criar nenhum discurso, os algoritmos operam, controlam e distribuem os processos de interação nos espaços virtuais de acordo com as políticas estabelecidas pelas empresas, já que “para modular é necessário reduzir o campo de visão dos indivíduos ou segmentos que serão modulados” (SOUZA; AVELINO; SILVEIRA, 2021, p. 40)

Embora reconheça o papel das redes sociais como validadores digitais de obras e artistas, particularmente a partir das plataformas de NFT, Cribb (2022a) aponta que as plataformas independentes e que rompem com a lógica de homogeneização das redes sociais, além de preservar a obra de forma mais livre, em virtude do menor regramento de termos e condições de uso, minimizam os processos de censura e permitem um espaço mais amplo de imersão dos expectadores nas obras. Isto, conseqüentemente, cria mais um campo para análise, discussão e entendimento dos trabalhos.

Além disto, os diversos dispositivos digitais, suportes das abordagens artísticas, permitem desfrutar da digitalidade em diferentes contextos e espaços, rompendo com as limitações de espaço-tempo, configurando verdadeiros lugares de refúgio e intercâmbio de informações, sem barreiras espaciais, territoriais e de fuso horários, que permitem ir muito além da experiência imediatas dos cliques das grandes plataformas digitais. Isto ocorre embora prevaleça na internet a lógica mais brutal do processo de seleção natural, “em que o mais acessado sempre será o mais forte” (BEIGUELMAN, 2023, p. 78)

Outro aspecto da tecnoestética da artista que merece destaque diz respeito ao uso de looping em seus vídeos que, assim como os processos massificados de comunicação das redes, faz uso da repetição de conteúdos, com objetivos de massificação comercial ou conceitual, que levam à exaustão. Entende-se por tecnoestética a axiologia intercategórica proposta pelo filósofo francês Gilberto Simondon (1992), que preconiza a indissociabilidade dos aspectos técnicos dos aspectos estéticos resultantes da atuação em design. Tal aspecto pode ser verificado no conjunto artístico de Cribb, tanto nas soluções formais quanto no uso dos recursos, dispositivos e técnicas.

Indo além das críticas aos aspectos de vigilância dos processos digitais, suas propostas também refutam a abordagem midiática das plataformas, cuja estratégia de comunicação de linguagem infantilizada, colorida, “alto astral”, “açucarada”, na qual os sistemas algorítmicos adotados têm o papel de filtrar e classificar as palavras-chaves das mensagens, com o objetivo de minerar sentimentos e, a partir daí, buscar afetar decisivamente perfis a partir da organização de espaços de visualização dos usuários, para que estes se sintam bem, confortáveis e se tornem acessíveis a anúncios que irão estimular novas ações de consumo de produtos e serviços (SOUZA; AVELINO; SILVEIRA, 2021). Todas essas estratégias adotadas pelas big techs, que por vezes se apresentam com nuances de recurso de salvação da humanidade, ocultam a realidade de sua atuação sempre obscura e cujas ferramentas de vigilância e exploração trazem um grande potencial de domínio e destruição.

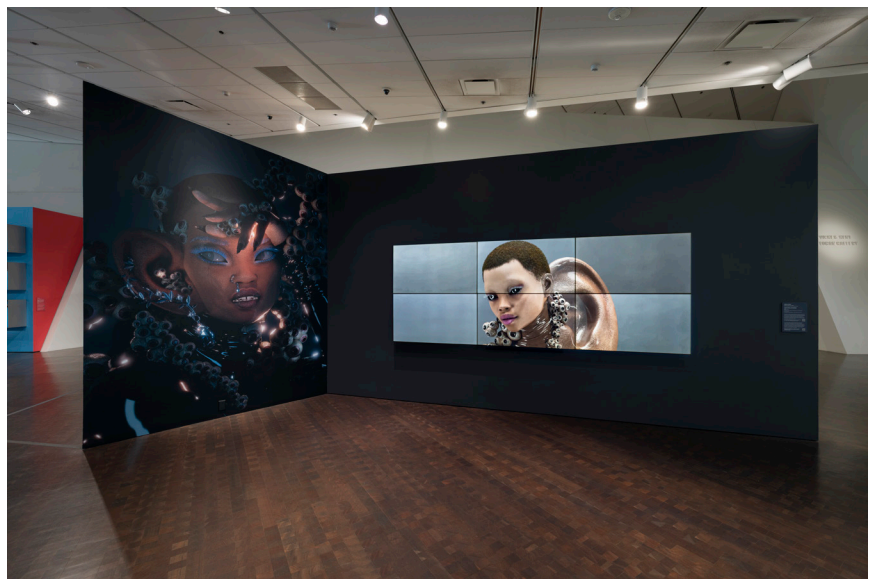
As preocupações da obra de Cribb com os processos de vigilância incluem

nuances que reforçam tais aspectos. Além da materialidade dos seus trabalhos, isto também pode ser notado nos títulos atribuído às suas séries, assim como nos nomes dos seus filmes. Isto ocorre na série *VIGILANTE_EXTENTED* (2020), com o filme *Who tells a tale adds a tail*, exibido no *Denver Art Museum* em 2020; na série *@ilusão* (2020), com o filme *Disembodied Behaviors*, exibido pela *bitforms gallery* em 2020; na série *Observer_* (2020), apresentada como parte da exibição coletiva *The Silence of Tired Tongues* (2022) em Amsterdam; e mais recentemente na obra *Undercover Agent for the Truth* (2023), exibida na mostra realizada em homenagem à cantora norte-americana Tina Turner, realizada no Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo.

Todas as críticas e preocupações da artista também são destacadas no seu discurso ao apresentar seu trabalho, como ocorre na entrevista concedida ao programa *Diálogos Críticos* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Na ocasião, Cribb (2022b) destaca aspectos da sua produção que questionam tais conceitos, descrevendo em detalhe sua obra *VIGILANTE_EXTENTED* (2020) como um exemplo da síntese da sua abordagem. A artista aponta que, desde o processo de concepção arquitetônica e espacial da instalação artística, já se preocupava em explicitar sua crítica aos processos de vigilância manifestos pelas suas personagens, dando destaque ao fato de que seus vídeos criam atmosferas de tensão, não permitindo identificar claramente quem observa quem – se são os avatares que observam o visitante ou vice-versa, num processo constante de autovigilância recíproca, que nutre o que Beiguelman (2021) aponta como sendo um “rearranjo da subjetividade”.

FIGURA 3: *Who Tells a Tale Adds a Tail*, Denver Art Museum, 2022. Foto: Denver Art Museum (Reprodução do portfólio com autorização da artista)

Fonte: Reprodução do portfólio com autorização da artista



O processo fomentado pela forma como vemos e queremos ser vistos faz com que a lógica da vigilância passe a operar segundo um novo paradigma, que deixa de lado o medo de estarmos sendo vigiados e passa a admitir o receio do desaparecimento por não termos sido notados. Para Beiguelman (2021), por suas características intimamente ligadas às relações interpessoais mediadas por redes e plataformas digitais, o conceito de vigilância “tem se convertido no horizonte estético da cultura contemporânea” (p. 37). Para a autora, “se podemos falar em estética da vigilância, é porque seus dispositivos constituem linguagem, retórica visuais e formatos de expressão artística”. (p. 67).

A obra de Cribb pode ser considerada expoente desse design que critica os processos de vigilância. Seus avatares de olhos vidrados, múltiplas orelhas e infinitos recursos de vigilância, apropriam-se de nossos dados: sonoros, visuais, textuais e comportamentais, e com eles alimentam criaturas digitais, em prol da sua passiva, porém aterrorizante e surreal existência virtual. Da mesma forma que nossas ações, comportamentos e atividades mediadas pelas tecnologias digitais retroalimentam um sistema de monitoramento, controle, modulação e vigilância que, muito longe de ser um “acidente tecnológico fantástico”, tem, como a estética de Cribb, o aspecto assustador de um “capitalismo nefasto que aprendeu a explorar com astúcia suas condições históricas para garantir e defender seu sucesso” (ZUBOFF, 2021, p. 29).

Considerações finais

Os conceitos e análises realizados neste artigo procuraram demonstrar como a cultura da vigilância presente na sociedade contemporânea é impulsionada pelo crescimento das big techs e pela dependência cada vez maior da sociedade da mediação digital. Essa nova nuance do capitalismo, que opera através da aquisição de dados sobre o comportamento humano, transforma o conhecimento em poder, subordinando os meios de produção aos recursos para a modificação de comportamentos, utilizando algoritmos e sistemas automatizados para conhecer e moldar nossas ações em busca de lucros, criando assim uma forma de poder chamada de instrumentarismo.

Nesse cenário, o design de vigilância emerge como uma abordagem crítica, que é explorada na obra da artista e designer Vitória Cribb. Suas criações problematizam os aspectos da vigilância, controle, censura e modulação presentes nas plataformas e redes sociais. Através da modelagem digital de avatares femininos pretos, a artista questiona a hegemonia estética branca no meio tecnológico e destaca a falta de inclusão e representação da diversidade no universo tecnológico.

As obras de Cribb provocam incômodo e reflexão, utilizando elementos como o olhar, poses não convencionais e estética distópica para reforçar a sensação de vigilância e observação constantes. Além disso, a artista critica a condensação e massificação dos conteúdos nas redes sociais, destacando a importância das plataformas independentes que permitem uma imersão mais profunda nas obras e proporcionam espaços de análise e discussão.

A abordagem estética de Cribb vai além da crítica aos aspectos de vigilância, incluindo também questões como o colonialismo de dados e o racismo algorítmico. Sua arte busca subverter os cânones tecnológicos, dando visibilidade e valorizando corpos negros em um universo dominado pelo padrão hegemônico de beleza branca. Ao examinar seu trabalho, é possível perceber sua preocupação em explicitar os processos de vigilância e reforçar um alerta sobre o papel de quem observa e quem é observado, e como se dá este processo, muitas vezes obscuro e com uma relação assimétrica de poder. Suas obras criam atmosferas de tensão, desafiando a noção de privacidade e questionando o rearranjo da subjetividade na era digital.

Em resumo, a obra de Vitória Cribb representa uma importante contribuição para o design de vigilância, ao abordar criticamente os processos de vigilância, controle e modulação presentes na cultura contemporânea, além de materializar questões como o racismo digital e demais aspectos hegemônicos. Sua arte confronta os padrões estabelecidos, promove a inclusão e convida à reflexão sobre os impactos da vigilância na sociedade atual.

Referências

BEIGUELMAN, G. **Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BEIGUELMAN, G. **Máquinas companheiras**. Morel, 1 jan, p. 75-85, 2023

BRUNO, F. et al. **Tecnopolíticas da vigilância: Perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. Data Colonialism: Rethinking Big Data's Relation to the Contemporary Subject. **Television & New Media**, v. 20, n. 4, p. 336-349, 1 maio 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1527476418796632>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CRIBB, V. Programmed Spontaneity. [Entrevista concedida a] Priscila Arantes. **Diffractions // Graduate Journal for the Study of Culture**. Universidade Católica Portuguesa. Portugal, Nº 5 – 2nd Series, p. 147-150, maio, 2022a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GxKJI--pKVo>. Acesso em: 07 jul. 2023.

CRIBB, V. Diálogos Críticos. [Entrevista concedida a] Priscila Arantes. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, dezembro, 2022b. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/k2CagDv3pL0?feature=share>. Acesso em: 08 jul. 2023.

KAUFMAN, D. **Desmistificando a inteligência artificial**. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

MUNIZ, L. “Para o meu amigo algoritmo”. **Revista Select Art**, ed. 48, p. 58–61, 2020. Disponível em: <https://www.select.art.br/vitoria-cribb-para-o-meu-amigo-algoritmo>. Acesso em: 10 jul. 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais – Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7232729/mod_resource/content/1/Quijano.pdf. Acesso em: 13 jul. 2023.

SILVA, T. **Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

SILVEIRA, S. A. et al. **Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

SIMONDON, G. **Sobre a tecno-estética**: Carte a Jacques Derrida. Trad. Stella Senra. Paris: Les Papiers du Collège International de Philosophie, n. 12, p. 253-266, 1992.

SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S. A. **A sociedade de controle: Manipulação e modulação nas redes digitais**. 2ª edição. São Paulo: Editora Hedra, 2021.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.